

TEORIA MOTIVACIONAL DO COPING: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO E DO PESQUISADOR EM DIFERENTES CONTEXTOS.

O coping ou enfrentamento é um dos constructos da Psicologia da Saúde que abrange diversas áreas de atuação do psicólogo e da pesquisa acadêmica. Este constructo vem sofrendo transformações de conceituação ao longo da história da Psicologia, sendo a mais recente a Teoria Motivacional do Coping [TMC] de Ellen Skinner e colaboradores. Esta teoria compreende o coping como uma ação regulatória, que descreve como as pessoas regulam seus próprios comportamentos, emoções e orientações motivacionais sob condições estressantes. O estresse é o constructo mais próximo ao coping, afinal, as estratégias de enfrentamento (EE) são acionadas mediante determinados estressores. Entretanto, as relações não se restringem ao estresse, pois o coping tem estreita relação com a percepção de autoeficácia e com quadros de ansiedade e depressão. Nesta Sessão Coordenada, as cinco comunicações abrangem todos esses constructos relacionados ao coping, analisado com base na TMC, em diferentes contextos e populações – dois estudos empíricos abordarão o coping da dor - em bailarinos adolescentes e em mulheres com migrânea; um estudo empírico tratará do coping materno frente à síndrome de Down dos filhos; outro abordará o coping ocupacional de mulheres de indústria têxtil; e uma revisão sistemática da literatura nacional analisará o coping da ansiedade frente a provas escolares em alunos do Ensino Médio. Pretende-se mostrar a aplicabilidade dessa abordagem do coping e o avanço científico da área. Assim, esta Sessão Coordenada objetiva expor os conceitos básicos da TMC, apresentar resultados de pesquisa relevantes e, através deles, incentivar o desenvolvimento de novas pesquisas, com diferentes populações, além da reflexão sobre possíveis intervenções, dentro desta perspectiva.

ANÁLISE DO COPING DA DOR E SUA RELAÇÃO COM A AUTOEFICÁCIA PRÉ-COMPETITIVA EM BAILARINOS ADOLESCENTES. *Andressa Melina Becker da Silva** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Murilo Fernandes de Araújo* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Tatiane Stephan Rocchetti Luz* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Renan de Moraes Afonso* (Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP); Isabella Goulart Bittencourt* (Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC); Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP).*

Na dança profissional, o bailarino convive diariamente com a dor devido à intensa carga de treinamento, o que prejudica seu desempenho, sua percepção ou senso de autoeficácia e até mesmo a forma como desempenha as atividades cotidianas. As estratégias de enfrentamento [EE] (coping) frente ao estressor dor podem ser adaptativas ou não, dependendo em qual contexto e por quanto tempo forem utilizadas. A análise da funcionalidade das EE pode ser feita pela Teoria Motivacional do Coping, que propõe um sistema hierárquico de 12 “famílias” de coping, com comportamentos, emoções e orientação específicos, segundo a percepção dos estressores como ameaça ou desafio ao self ou ao contexto, para cada uma das três grandes necessidades humanas – de relacionamento, competência e autonomia. O coping está relacionado à percepção de autoeficácia, pois, dependendo de quão eficaz o indivíduo se considera em determinada

situação, ele poderá emitir respostas (EE) mais ou menos adaptativas. Somando-se a isso o fato de que a adolescência é um período marcado por instabilidade emocional, contribuindo para um quadro de estresse, o presente estudo objetivou realizar uma análise funcional do coping da dor, além de verificar a relação dele com a autoeficácia pré-competitiva em bailarinos adolescentes. Participaram do estudo 35 bailarinos (2 homens), com idade média de 15,13 anos ($DP= 2,10$), com experiência média na dança de 9,5 anos ($DP= 3,66$), selecionados por conveniência. Estes bailarinos competiam em modalidades diferentes – sapateado ($n= 10$), dança irlandesa ($n= 6$), jazz ($n= 13$), hip hop ($n= 1$), ballet ($n= 13$), contemporâneo ($n= 4$) - sendo que, dos 35 bailarinos, 12 competiam em mais do que uma modalidade. Aplicou-se o Inventário de Coping da Dor para Bailarinos (ICDB) e a Escala de Autoeficácia para Bailarinos (EAEB), que contêm 36 e 15 questões, respectivamente. Utilizou-se estatística paramétrica, média, desvio-padrão e regressão linear, já que os dados apresentaram distribuição normal e homogênea. Os bailarinos apresentaram um alto índice de percepção de autoeficácia ($M= 71,82$; $DP= 15,50$). A autoeficácia psicológica foi mais alta ($M= 76,71$; $DP= 15,65$) do que a percepção de autoeficácia física ($M= 68,18$; $DP= 17,96$), divergindo do resultado esperado. Para lidar com a dor, esses bailarinos fazem uso moderado de EE ($M= 113,97$; $DP= 12,87$). Usam com mais frequência EE da família de coping de resolução de problemas (25,71%), seguida de autoconfiança (22,85%), fuga (20%), desamparo (17,14%), busca de informações e acomodação (ambas com 5,71%) e busca de suporte (2,85%). Essas EE se relacionam mais ao processo adaptativo voltado a coordenar ações e contingências do ambiente (80%), seguido por coordenar a confiança e os recursos sociais disponíveis (17,14%) e coordenar preferências e opções disponíveis (2,85%). Não houve associação significativa ($p= 0,896$) entre o coping da dor e a percepção de autoeficácia. Os resultados indicam que estes bailarinos apresentam uma alta percepção de autoeficácia e utilizam EE frente à dor de maneira adaptativa. Contudo, ambas variáveis não interferem entre si, divergindo da literatura. Novas pesquisas serão feitas para identificar quais outros constructos influenciam o coping da dor em bailarinos.

Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado para primeira autora); CNPq/MCT (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B, para última autora).

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Coping, Autoeficácia, Bailarinos, Dor.

Área da Psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde

STRESS E COPING DA DOR EM MULHERES COM MIGRÂNEA. *Vivian Mascella***, Ana Paula Justo**, Vanessa Marques Gibran **, Sônia Regina Fiorim Enumo (Pontifícia Universidade Católica de Campinas- PUC-Campinas, Campinas, SP).

Há inúmeras modalidades clínicas das dores de cabeça, sendo a Migrânea uma das mais frequentes. Pode ser desencadeada pelo stress emocional, que também está relacionado com a duração e a piora das crises. Estas últimas, por sua vez, são mediadas pelas estratégias de enfrentamento [EE] (coping) da dor de cabeça. O coping é compreendido como regulação da ação em ocasiões de stress, sendo um constructo organizacional que captura interações entre comportamento, emoção, atenção, cognição e motivação. Por esta definição, entende-se que as pessoas têm uma função ativa no processo de enfrentamento das situações adversas, como no caso da dor de cabeça. Nessa perspectiva motivacional, o coping engloba os esforços individuais para manter,

restaurar e reparar as necessidades psicológicas fundamentais de relacionamento, competência e autonomia atingidas por experiências estressantes. Pela Teoria Motivacional do Coping, é possível analisar o enfrentamento através de um sistema hierárquico de 12 “famílias” de coping ou categorias de alta ordem. Neste sistema, cada família representa uma classe de estratégias de enfrentamento organizadas em padrões de resposta ou tendências de ação, como reações à percepção dos estressores como um desafio ou ameaça a três necessidades básicas – de Relacionamento, Competência e de Autonomia. As famílias de EE de autoconfiança e busca de suporte estão relacionadas ao desafio e as de delegação e isolamento são relacionadas à ameaça ao Relacionamento. As famílias de EE de resolução de problemas e busca de informações relacionam-se à percepção de desafio, e as EE de desamparo e fuga são associadas com ameaça à Competência. As famílias de EE de acomodação e negociação estão relacionadas ao desafio e as famílias de EE de submissão e oposição à ameaça à Autonomia. Com base nesta abordagem, este estudo analisou o coping da dor de cabeça em 16 mulheres, com idade média de 37,5 anos, diagnosticadas com Migrânea, e identificou as fases de stress pelo Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL) e uma entrevista. Pelo ISSL, 50% das mulheres estavam na fase de Resistência, 43,75% em Quase Exaustão e 6,25% na fase de Exaustão. Diante desse quadro de stress e dor, as EE mais frequentemente utilizada pelas mulheres eram pouco adaptativas no médio prazo - apenas 3 mulheres relataram usar EE relacionadas à resolução de problemas (12%) como resposta adaptativa ao stress, com a ressalva de que adotavam exclusivamente medidas farmacológicas. A percepção da dor como uma ameaça predominou, com maior frequência de EE de desamparo (44%), submissão (20%) e isolamento (16%), com foco predominante na emoção e não no comportamento. Conclui-se que essas mulheres com Migrânea apresentam stress em fases mais avançadas e não enfrentam a dor de maneira adaptativa, mas como uma ameaça, o que prejudica ainda mais a qualidade de vida. Fica evidente, assim, a necessidade de intervenções psicológicas, tanto com relação ao stress, quanto à maneira como é enfrentada a dor de cabeça, com destaque para medidas não farmacológicas. Apesar da adequação do modelo adotado para análise do coping da dor, recomendam-se outros estudos com amostras maiores.

Apoio financeiro/Bolsa: Apoio: CAPES (bolsa de doutorado); CNPq/MCTI (bolsa de produtividade em pesquisa para orientadora)

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Coping, Stress, Migrânea, Mulheres.

Área da Psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde

COPING MATERNO DA SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DESCRITIVO. *Luciana Bicalho Reis** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES; Universidade de Vila Velha, Vila Velha, ES); Carolinne Guimarães Feres*; Marina Corrêa Damázio* (Faculdade de Psicologia, Universidade de Vila Velha, Vila Velha, ES); Kely Maria de Paula (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES).*

Uma relação mãe-criança baseada em um vínculo afetivo estável constitui-se fator essencial ao desenvolvimento infantil. Por ordem do nascimento de uma criança com deficiência elevado sofrimento poderá ocorrer, pois a mãe costuma idealizar um bebê “perfeito e saudável”. Assim, o diagnóstico da Síndrome de Down (SD) poderá se

apresentar como um acontecimento inesperado e potencialmente estressor. Diante de um estressor, pessoas adotam diferentes estratégias de enfrentamento (coping) e podem manifestar respostas distintas, como estresse, ansiedade e depressão, que afetam a disponibilidade afetiva e os padrões de interação entre os pares. Ter um filho com deficiência não será necessariamente uma situação problema, mas estudos têm identificado altos níveis de estresse nessas mães. A maior ou menor disponibilidade de recursos psicológicos materno para lidar com as dificuldades e estresse advindos do diagnóstico de SD e cuidados com a criança interferem no padrão de coping adotado. O coping refere-se ao modo como as pessoas regulam seu comportamento, emoção e motivação em situações de estresse. Segundo a Teoria Motivacional do Coping, de Ellen Skinner e colaboradores, o coping é compreendido a partir de um sistema hierárquico de categorias. No nível mais elementar, estão as respostas (cognitivas, comportamentais ou emocionais) das pessoas para lidar com situações estressantes e, no nível intermediário, as estratégias de enfrentamento, que seriam categorias de ações frente ao estresse. As estratégias de enfrentamento, agrupadas segundo a sua função, compõem categorias de ordem superior, denominadas Famílias de coping. Este trabalho, integrante de uma pesquisa de doutorado, analisou as estratégias de enfrentamento adotadas por cinco mães de crianças com SD, entre 2 e 4 anos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Apesar de se referirem ao momento do diagnóstico como difícil e sofrido, as mães se sentiram desafiadas a lidar com a condição do filho. Atualmente, outros aspectos ligados à criança e sua condição constituem-se fontes de estresse para as mães, tais como o preconceito, as dificuldades com a inclusão escolar e o número elevado de tratamentos da criança, gerando sobrecarga emocional e física. Quatro mães disseram que leem e conversam com profissionais sobre a síndrome (Busca de Informação), embora nem sempre seja positivo, já que parte das informações obtidas é negativa. Somente duas mencionaram a busca de ajuda de familiares e grupos religiosos (Busca de Suporte Social). Quatro sentem-se confiantes e capazes de enfrentar a situação (Autoconfiança). Duas mães afirmaram se sentir culpadas por gerarem o filho em idade avançada (Desamparo), sendo que uma sente vontade de ficar sozinha (Isolamento) e teme pelo futuro da criança, mencionando sentimento de medo (Fuga), o que sugere risco de desfecho mal adaptativo. Conclui-se que o diagnóstico de SD é uma fonte de estresse materno, mas é possível lançar mão de recursos cognitivos, comportamentais e emocionais como forma de enfrentamento e adaptação à situação. Discute-se a possibilidade de intervenções dirigidas a essa população quando houver maior uso de estratégias não adaptativas para lidar com a deficiência, o que pode comprometer o vínculo entre a mãe e, consequentemente, o desenvolvimento da criança.

Apoio financeiro/Bolsa: Sem apoio financeiro.

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Coping; Mães; Crianças com Síndrome de Down.

Área da Psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde

STRESS E COPING OCUPACIONAL EM MULHERES DE UMA INDÚSTRIA TEXTIL. *Vanessa Marques Gibran***, *Luiz Ricardo Vieira Gonzaga***, *Vivian Mascella*** (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP), *Fernanda Cristina Pereira**, *Larissa Andresa Braga de Sena** (Faculdade de Psicologia, Fundação Educacional de Araçatuba,

Araçatuba, SP), Sônia Regina Fiorim Enumo (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP).

A Teoria Motivacional do Coping [TMC] entende as estratégias de enfrentamento [EE] como esforços individuais responsáveis por manter, restaurar e reparar as necessidades psicológicas básicas de Relacionamento, Competência e Autonomia afetadas por situações estressantes interpretadas como desafio ou ameaça. O estresse é uma reação do organismo quando estimulado por fatores externos que excedem a capacidade do indivíduo enfrentá-los. Para lidar com os estressores, a TMC considera 12 “famílias” de EE, com comportamentos, emoções e orientação específicos: (a) Relacionamento – desafio: autoconfiança e busca de suporte; ameaça: delegação e isolamento; (b) Competência – desafio: resolução de problemas e busca de informações; ameaça: desamparo e fuga; (c) Autonomia – desafio: acomodação e negociação; ameaça: submissão e oposição. As condições de estresse podem ser observadas na indústria têxtil, onde a produção normalmente segue o ritmo das mudanças de estações, sendo necessário um processo de adaptação às novas demandas do trabalho. Compreender este processo de enfrentamento é relevante para subsidiar melhorias na qualidade de vida desses trabalhadores. Assim, este trabalho procurou identificar e analisar o nível de estresse e as EE de trabalhadoras de uma indústria têxtil, a partir de TMC. Foram avaliadas, durante o período de alta produção industrial, 17 mulheres (20 a 60 anos de idade; $M = 38,5$ anos), solteiras (53%), predominantemente católicas ou evangélicas, com 7,3 anos de trabalho, em média. Foram aplicados: a) Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL), avaliando o estresse nas fases: alerta, resistência, quase exaustão e exaustão, e a presença de sintomas psicológicos ou físicos; b) Entrevista semiestruturada, especialmente elaborada, com três questões sobre conceito e fontes de estresse, e EE utilizadas para lidar com as situações estressantes. Os dados da entrevista foram categorizados e quantificados, considerando-se o total de respostas ($n = 25$). Das 17 mulheres avaliadas, a maioria apresentou estresse (fase de resistência: 53%; quase exaustão: 18%; sem estresse: 29%). Houve predominância de sintomas psicológicos. As principais fontes de estresse foram: cobranças, falta de união/colaboração, falta de reconhecimento e respeito, e fofocas, todos relacionados às relações interpessoais no trabalho. A maioria das mulheres (94%) interpreta esses problemas como desafio; apenas 6% os interpretam como ameaça. As EE identificadas foram: busca de suporte (44%); acomodação (20%); resolução de problemas (16%); autoconfiança (8%); busca de informação (8%), e isolamento (4%). Estas EE relacionam-se à busca adaptativa das seguintes necessidades: Relacionamento (52%), Competência (24%) e Autonomia (20%); e se caracterizavam por relatos de comportamento (76%), seguido de relatos de emoção (20%) e de orientação do comportamento (4%). Diante da utilização de respostas adaptativas positivas aos fatores estressantes, postula-se que o período de alta produção pode estar relacionado à necessidade de uma maior adaptação das trabalhadoras em relação à exigência do mercado, dada a predominância da fase de resistência. O estudo será complementado, avaliando os mesmo fatores durante o período de baixa produção industrial, para compreender se o aumento de exigência no trabalho é fator relevante na avaliação do nível de estresse identificado.

Apoio financeiro/Bolsa: Apoio: CAPES (bolsas de doutorado); CNPq/MCTI (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B para a orientadora).

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Coping, Stress ocupacional, Saúde da Mulher.

Área da Psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde

ANÁLISE DO COPING DE PROBLEMAS ESCOLARES EM ADOLESCENTES: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA NACIONAL. *Luiz Ricardo Vieira Gonzaga***, *Andressa Melina Becker da Silva***, *Vivian Mascella***, *Vanessa Marques Gibran*, *Sônia Regina Fiorim Enumo* (Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP).

Os processos de enfrentamento (coping) são particularmente importantes nos adolescentes, pelo fato destes serem confrontados com estressores muito diferentes, para os quais podem ainda não ter desenvolvido estratégias de enfrentamento [EE] eficazes. Na situação de provas escolares, especialmente, usam EE frente a um estressor interno (incapacidade, por exemplo) e/ou externo (prova), que podem afetar o desempenho acadêmico. Neste contexto, por uma revisão sistemática da literatura nacional dos últimos 10 anos, analisou-se a produção científica disponível sobre processos de enfrentamento no contexto escolar, com base na Teoria Motivacional do Coping. Esta considera que os estressores podem ser percebidos como ameaça ou desafio a três necessidades básicas – Relacionamento, Competência e Autonomia. Para lidar com os estressores, são consideradas 12 “famílias” de EE – (a) autoconfiança e busca de suporte, relacionadas ao desafio, e delegação e isolamento à ameaça ao Relacionamento; (b) resolução de problemas e busca de informações relacionam-se à percepção de desafio, e desamparo e fuga à ameaça à Competência; (c) acomodação e negociação relacionadas ao desafio, e submissão e oposição à ameaça à Autonomia. Foram selecionados os descritores da BVS-Psi: adolescência, adolescentes, enfrentamento, estilos de enfrentamento, coping, escolas de Ensino Médio, Ensino Médio, estudantes, estudantes do 2º grau, ansiedade de exames e testes de ansiedade; com busca nas bases do SciELO e Pepsic, limitada a estudos empíricos, com artigo completo, avaliado por pares, aplicados em adolescentes, no contexto acadêmico (Ensino Médio). Localizou-se 51 artigos, mas 28 preencheram os critérios; 21 foram excluídos por serem repetidos, restando 7 artigos. Nestes, foram identificados os temas: a) coping e diferenças de gênero (2); b) sintomas de stress e EE (1); c) coping de eventos estressantes na interação com pares e adultos, por crianças e adolescentes (1); d) coping de vestibulandos (1); e) relações entre ansiedade e coping em jovens e adultos (1); e f) instrumentos de coping utilizados nas pesquisas (1). As EE da ansiedade frente a provas/vestibular foram relacionadas às EE: a) busca de suporte – entendida como desafio ao Relacionamento; b) resolução de problemas - desafio à Competência; c) acomodação - desafio à Autonomia, d) autoconfiança - desafio ao Relacionamento; e e) submissão – associada à percepção de ameaça à Autonomia. Os meninos apresentam mais EE de confiança; e as meninas, as EE de análise lógica, reavaliação positiva, busca de suporte e descarga emocional. O coping foi avaliado por entrevistas semiestruturadas e inventários/escalas: Inventário de Estratégias de Coping, Escala de Enfrentamento para Adolescentes (ASC), Inventário Multifatorial de Coping para Adolescentes (IMCA-43), Coping Response Inventory Youth Form (CRI-Y), Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus, Escala de Enfrentamento de Stress para Adolescentes. Esses estudos adotam a abordagem cognitiva do coping, de Lazarus e Folkman. Este levantamento permitiu identificar a escassez de trabalhos nacionais sobre coping no contexto escolar em estudantes do Ensino Médio. O direcionamento de pesquisas futuras sobre estressores escolares vivenciados por estudantes brasileiros e as EE utilizadas para enfrentá-los são de extrema importância para a promoção de programas de prevenção na área acadêmica e/ou escolar.



Parte integrante dos resumos de Comunicação Científica apresentados durante a 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Aracaju, 2013.

ISSN 2176-5243

Apoio financeiro/Bolsa: Apoio financeiro: CAPES (bolsa de doutorado para os dois primeiros autores); CNPq/MCTI (bolsa de produtividade em pesquisa em nível 1B para a segunda autora).

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Palavras-chave: Coping, Avaliação Escolar, Estudantes.

Área da Psicologia: SAÚDE - Psicologia da Saúde